

# A MONOTONIA DO HORROR

Bernardo Futscher Pereira

ROBERT FISK  
**The Great War  
for Civilization:  
The Conquest  
of the Middle East**

Londres,  
Fourth Estate,  
2005, 1328 páginas

**R**obert Fisk recolhe, neste denso volume de cerca de mil e trezentas páginas, a sua experiência de trinta anos como correspondente de guerra no Médio Oriente, que o tornou um dos jornalistas mais conhecidos da sua geração. Desde o genocídio arménio até à guerra civil na Argélia, passando pela revolução no Irão, pela guerra entre o Iraque e o Irão, por múltiplos actos de terrorismo culminando no 11 de Setembro, pelas duas invasões do Afeganistão, pela anexação e libertação do Kuwait, pelas guerras entre os Estados Unidos e o Iraque, sem esquecer naturalmente o perene conflito israelo-árabe – mas apenas com menções passageiras ao Líbano, país onde reside e ao qual dedicou outros livros –, Fisk percorre os campos de batalha do Médio Oriente fazendo a crónica monótona da violência, da devastação, do horror, das torturas e do sofrimento perpetrados nas guerras e conflitos sem fim que assolam aquela região do mundo, desde a dissolução do Império Otomano.

O relato de Fisk é prolixo, nem sempre rigoroso, e repleto de episódios desnecessários sobre a sua intrépida carreira de

correspondente de guerra. Seguimos Fisk a saltar de avião em avião – de Beirute para Kandahar, de Frankfurt para Algers, de Damasco para Teerão; a percorrer em precários camiões trilhos de montanha até ao esconderijo de Osama bin Laden; a infiltrar-se nas caravanas de tropas soviéticas no Afeganistão; a fazer-se transportar em helicópteros iraquianos ou em C-130 iranianos para a frente de combate em Bassorá; à boleia com patrulhas americanas no deserto saudita; argumentando ao telefone com os seus editores em Londres. O livro contém também digressões sentimentais sobre a experiência do seu pai na I Guerra Mundial que nada acrescentam à história.

## UM LIVRO COM UMA «MISSÃO»

O livro de Fisk, embora escrito com a fluência do jornalista experiente, não se recomenda pelo seu primor literário; nem tampouco pela acuidade ou imparcialidade das suas reflexões políticas. Fisk acredita que a missão do jornalista é «desafiar a autoridade – toda a autoridade» e o seu livro é fiel a esse credo. O resultado é um texto redigido num tom uniforme de indig-

nação e denúncia que acaba por se tornar cansativo. Ninguém é poupado: nem os regimes árabes, nem os fundamentalistas que os desafiam, nem Israel, nem o Ocidente cuja hipocrisia e cinismo Fisk não se cansa de fustigar.

Este não é um livro de um estratega que analisa os acontecimentos políticos do Médio Oriente como se fossem movimentos num jogo de xadrez. É obra de um repórter que se identifica mais com o peão em perigo de ser tomado pelo bispo do que com quem, em Londres ou em Washington, move a dama e a torre. Fisk observa a realidade, por assim dizer, de baixo para cima. E é esse o grande mérito de *The Great War for Civilization*: o de documentar, de forma contundente, por vezes até nauseante, os efeitos da violência, pondo rosto e história nos inconcebíveis milhões de vítimas das guerras e dos despotismos do Médio Oriente e dando voz à raiva, ao ódio, ao medo e ao sentimento de impotência e frustração dos sobreviventes, estejam de que lado estiverem.

Fisk leva-nos a visitar os hospitais iranianos a abarrotar de soldados gaseados pelas armas químicas de Saddam Hussein; relembra as execuções em massa, quer no Iraque quer no Irão; esclarece-nos sobre diversas técnicas de tortura; narra graficamente práticas há muito caídas em desuso mas recentemente recuperadas, como a lapidação de mulheres adúlteras no Irão; está presente no cenário dos ataques suicidas em Telavive; acompanha o Exército israelita nas suas incursões nos campos de refugiados de Nablus; dá voz às vítimas civis apanha-

das por engano por uma bomba cirúrgica; assiste à entrada do Exército americano em Bagdade; chega a tempo de cheirar os destroços fumegantes do carro de Hariri, e por aí fora.

### **UM FUTURO DESOLADOR?**

Episódios que nos habituámos a considerar quase como meras causas e efeitos – a invasão do Kuwait, causa, a primeira guerra do Golfo, efeito – são aqui revividos com pormenores que nos fazem recordar o seu horror: a campanha de terror perpetrada no Kuwait pelo Exército iraquiano que prosseguiu sem desfalecimento até ao preciso momento da retirada; a deportação em massa dos palestinianos que se seguiu; a matança na famosa «auto-estrada da morte» nas horas que antecederam o cessar-fogo decretado pelos EUA; a repressão selvagem da insurreição xiita após o cessar-fogo; a epidemia de cancro nas populações mais expostas aos bombardeamentos de munições com urânio empobrecido; a miséria geral causada pelas sanções das Nações Unidas.

O testemunho de Fisk, pelo seu detalhe, pelo seu carácter quase exaustivo, pela sua densidade, acaba por marcar a visão mesmo dos leitores mais informados. Desta penosa litania, retira-se a imagem de uma região martirizada, cada vez mais distante dos sonhos de progresso que a independência dos países árabes alimentou nos anos de 1950; de populações traumatizadas, descrentes ou fanatizadas, para quem o ódio ao Ocidente é uma segunda natureza; de um debate político em que a razão é constantemente truci-

dada pela emoção ou negada por delirantes teorias da conspiração; de processos históricos colossais, de que não vemos o fim, nos quais estamos cada vez mais implicados mas cujo sentido profundo

nos escapa. Ao acabar a leitura deste livro, sentimo-nos, como Fisk, extenuados, desanimados e apreensivos quanto às surpresas que ainda nos esperam no Médio Oriente. **RI**